

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 9

**REVISTA
DA SOCIEDADE
PHENIX LITTERARIA
PUBLICAÇÃO MENSAL**

COMISSÃO DE REDAÇÃO

**Urbano Duarte, Antônio Silverio, Lauro Sodré,
Paulo Marques e M. Valladão**

SETEMBRO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTÍSTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 9

**REVISTA
DA SOCIEDADE
PHENIX LITTERARIA
PUBLICAÇÃO MENSAL**

COMISSÃO DE REDAÇÃO

**Urbano Duarte, Antônio Silverio, Lauro Sodré,
Paulo Marques e M. Valladão**

SETEMBRO DE 1878

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

trilhamos; se prevêes, como nós, o oasis juncado de louros, onde, no termo de nossa viagem, colheremos os mais saborosos fructos; se também te douram a imaginacão esses sonhos fascinadores que tanto embrioram a mocidade crente, esse céo limpidio que ella aspira, essa aurora feiticeira que ella crêa; se, finalmente, não te é indiferente esta cupula azulada e crivada de estrellas — a que se chama firmamento, este lençol fluctuante e bordado de perolas — a que se chama mar, este tapete avelludado e rico de brilhantes — a que se chama terra, esta visão matutina, alma de tudo isto — a que se chama poesia; porque nos deixaste sós até aqui; porque não te reuniste á esta pequena caravana, e, vendo-a passar exangue de fadiga, nem ao menos lhe ofereceste um ceitil de provisão, uma gôta d'água, um raio de calor?

« Com as vestes rotas e com bordão de romeiro, passamos, no principio de nossa jornada, pela tua tenda; te contamos o nosso sonho, te mostramos o nosso rumo, te dissemos as nossas difficuldades, e te convidamos a partir connosco. Tua porta não se fechou — a abriste de par em par; tua physionomia não se contratez — a compuzeste com o riso e com a alegria: acariciaste nossa idéa, aqueceste nosso sonho, mas nos deixaste partir sós.

« Julgarias, porventura, uma chiméra os nossos desígnios? »

— Não, senhores; não foi que eu tivesse descrido do ardor que vos animava, das forças que possueis, da coragem que revestia os vossos corações ricos de fé, de esperanças e de vida. Eu vos explico:

O habito é, como muito bem dizem, uma segunda natureza. Tenho me acostumado á obscuridade: acho encantos no retiro, delicias no ermo, e poesia na mudez. Parece que o silencio me brada o que é grande, e que o ruido me cochicha o que é pequeno: a solidão — desperta minh'alma, as reuniões — a adormecem; a quietação — a faz voar, o movimento — a estaciona; o sol — lhe offusca, a lua — lhe brilha; de sorte que, acordada — é morta, dormindo — é viva. Essa alegria, esse ardor, tão proprios á mocidade; essas festas que vos transportam, esses prazeres que vos encantam — me entristecem: sinto-me frío quando me acho na atmosphera quente do entusiasmo, e, muitas vezes, me abrasso na frieza da solidão contemplativa a que me visto.

Quantas vezes, - em horas caladas e silenciosas da noite, debruçado sobre minha banca, tendo de um lado — a unica vela que arde no alojamento, e de outro lado — um tinteiros, — sonhando ainda mesmo acordado, não sinto a alma a transbordar de affectos, de aspirações, de esperanças, e não confio à penha, que segreda ao mudo papel, estes affectos, estas aspirações, estas esperanças? Ora, me servem de inspiração — o sagrado amor de familia, a santa gratidão a quem merece, a saudade de entes charos, a lembrança da infancia, a imagem do céo que me viu nascer, a recordação dos campos em que corri em menino, das penedias porque saltei, das fontes em que me banhei. Ora, minha inspiração é — a admiração pelo talento, o respeito pelo merito, a homenagem pela virtude, o entusiasmo pelos sentimentos nobres e generosos. Ora, finalmente, é — a lembrança do futuro, o desejo de um nome illustre, a esperança do porvir, o amor da gloria, em summa, que me transportam, que me deslumbram.

Quantas vezes, no entusiasmo de vossos folguedos, vendo-me à parte como planta exótica da mocidade, não tereis, sem me conhecer, formado um juizo temerario a respeito de minha índole, de meu caracter, e dito com vosco: « é um fatuo, um impostor. »

No entanto sois injustos. Sou levado, involuntariamente, à tristeza nestas occasões. No delírio do prazer, vedes a vida pelo prisma de dourados sonhos, eu a sonho pelo prisma da realidade: em vossas almas a alegria, em meu espírito a reflexão — eu tenho, então, cabeça, vós tendes coração. Enquanto brincaes, eu converso commigo em segredo:

O que será feito deste feliz grupo, desta hora a dez annos? Serão todos, igualmente felizes como agora? Gozarão, neste momento, desta mesma felicidade que lhes é commum — o velho pae, a carinhosa mãe, o irmão amigo, a irmã querida?

— Ai!... quão diferente não será o destino de cada um?! Amanhã... amanhã, — este no apogeo da gloria, occupando uma bonita posição social, — aquelle, talvez, chafurdado na lama da ignominia; — este, no fausto, embriagado na riqueza, passando a manjares, — aquelle, porventura, na esplêndica, afogado na miseria, tragando o amargo pão da esmola; — este, no baile, no theatro, — aquelle, quem



REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Discurso da apresentação de um socio, (continuação). — Literatura Americana. — De onde venho e para onde vou. — Poesias : Instrução; Escuta.; No harem. — Chronica.

Discurso

Lido na Sociedade Phenix Litteraria por Tito Amaral, quando apresentado como socio da mesma

(Continuação)

Na pequena animação que acabo de vos dirigir, desisquei a idéa de sociabilidade e o trabalho, mostrando a influencia poderosa que exercem no homem, e fazendo, com desbotadas palavras, sua apotheose.

Eston lendo, em vossos olhos, a seguinte accusação, que, intimamente, me fazes:

« Se elevas tanto estas duas idéas, que são a peanha, onde se assentam os symbolos do bello, do bom e do perfeito; se derramas flores, no caminho de cardos porque

trilhamos; se prevés, como nós, o oasis juncado de louros, onde, no termo de nossa viagem, colheremos os mais saborosos fructos; se tambem te douram a imaginação esses sonhos fascinadores que tanto embavecem a mocidade crente, esse céo limpido que ella aspira, essa aurora feiticeira que ella créa; se, finalmente, não te é indiferente esta cupula azulada e crivada de estrellas — a que se chama firmamento, este lençol fluctuante e bordado de perolas — a que se chama mar, este tapete avelludado e rico de brilhantes — a que se chama terra, esta visão matutina, alma de tudo isto — a que se chama poesia; porque nos deixaste sós até aqui; porque não te reuniste à esta pequena caravana, e, vendo-a passar exangue de fadiga, nem ao menos lhe ofereceste um ceitil de provisão, uma gôta d'água, um raio de calor?

« Com as vestes rotas e com bordão de romeiro, passamos, no principio de nossa jornada, pela tua tenda; te contamos o nosso sonho, te mostramos o nosso rumo, te dissemos as nossas dificuldades, e te convocamos a partir connosco. Tua porta não se fechou — a abriste de par em par; tua physionomia não se contrafez — a compuzeste com o riso e com a alegria: acariciaste nossa idéa, aqueceste nosso sonho, mas nos deixaste partir sós.

« Julgarias, porventura, uma chiméra os nossos desígnios? »

— Não, senhores; não foi que eu tivesse descrito do ardor que vos animava, das forças que possuieis, da coragem que revestia os vossos corações. Fico de le, de esperanças e de vida. Eu vos explico:

O habito é, como muitos bem dizem, uma segunda natureza. Tenho me acostumado à obscuridade: acho encantos no retiro, delícias no ermo, e poesia na mudez. Parece que o silêncio me brada o que é grande, e que o ruido me cochicha o que é pequeno: a solidão — desperta minh'alma, as reuniões — a adormecem; a quietação — a faz voar, o movimento — a estaciona; o sol — lhe offusca, a lua — lhe brilha; de sorte que, acordada — é morta, dormindo — é viva. Essa alegria, esse ardor, tão próprios à mocidade; essas festas que vos transportam, esses prazeres que vos encantam — me entristecem: sinto-me frio quando me acho na atmosphera quente do entusiasmo, e, muitas vezes, me abrasso na frieza da solidão contemplativa a que me visto.

Quantas vezes, - em horas caladas e silenciosas da noite, debruçado sobre minha banca, tendo de um lado — a unica vela que arde no alojamento, e de outro lado — um tinteiro, — sonhando ainda mesmo acordado, não sinto a alma a transbordar de affectos, de aspirações, de esperanças, e não confio à pena, que segreda ao mudo papel, estes affectos, estas aspirações, estas esperanças? Ora, me servem de inspiração — o sagrado amor de familia, a santa gratidão a quem merece, a saudade de enes charcos, a lembrança da infancia, a imagem do céo que me viu nascer, a recordação dos campos em que corri em menino, das penedias porque saltei, das fontes em que me banhei. Ora, minha inspiração é — a admiracão pelo talento, o respeito pelo merito, a homenagem pela virtude, o entusiasmo pelos sentimentos nobres e generosos. Ora, finalmente, é — a lembrança do futuro, o desejo de um nome illustre, a esperança do porvir, o amor da gloria, em summa, que me transportam, que me deslumbram.

Quantas vezes, no entusiasmo de vossos folguedos, vend-me a parte como planta exotica da mocidade, não tereis, sem me conhecer, formado um juizo temerario a respeito de minha indole, de meu caracter, e dito com vosco: « é um fatuo, um impostor. »

No entanto sois injustos. Sou levado, involuntariamente, à tristeza nestas occasões. No delirio do prazer, vedes a vida pelo prisma de dourados sonhos, eu a sonho pelo prisma da realidade: em vossas almas a alegria, em meu espírito a reflexão — eu tenho, então, cabeca, vós tendes coração. Em quanto brincaes, eu converso commigo em segredo: —

O que será feito deste feliz grupo, desta hora a dez annos? Serão todos, igualmente felizes como agora? Gozarão, neste momento, desta mesma felicidade que lhes é commun — o velho pae, a carinhosa mãe, o irmão amigo, a irmã querida?

— Ai!... quão diferente não será o destino de cada um?! Amanhã!... a'manhã, — este, no apogeo da gloria, ocupando uma bonita posição social, — aquelle, talvez, chafurdado na lama da ignominia; — este, no fausto, embriagado na riqueza, passando a manjares, — aquele, porventura, na espelunca, afogado na miseria, tragando o amargo pão da esmola; — este, no baile, no theatro, — aquelle, quem

sabe?... no carcere, na masmorra; — este vivendo feliz e venturoso, — aquelle expirando pobre e desgraçado; — este orando no templo de Deos, — aquelle gemendo no templo das dores!

Destino variº da creatura humana!...

Não precisa transportarmos-nos ao dia de amanhã. Vemos hoje, n'esta hora, neste minuto, neste mesmo instante: quem sabe se, enquanto este ri, — seu velho pae não chora? se, enquanto aquelle esperdica, — sua carinhosa mãe não carece? se, finalmente, enquanto aquelle outro dissipá, — seu irmão, sua irmã não precisam?

De mais, — como são passageiros os prazeres, os entusiasmos e as venturas da vida?!

Ai!... Se a felicidade fosse permanente! Se a ventura fosse uma semente rica de seiva que, uma vez em contacto com as fibras do coração, germinasse e estendesse suas raizes n'alma humana, de sorte que a fouce devoradora do tempo não podesse ceifar a mais fina de suas radiculas! Se a alegria, — semelhante à atmosphera que envolve o nosso globo, semelhante à aureola que circunda os astros, semelhante ás estrellas que vestem o céo, semelhante á intelligença que nutre o genio, á coragem que robustece o heróe, á virtude que alimenta o justo, — sempre envolvesse, sempre circundasse, sempre vestisse, sempre robustecesse, sempre alimentasse a alma humana! Se, finalmente, os prazeres não azedassem, não apodrecessem e não se extinguissem, — como se extinguio a luz que nos allumia. — como apodrece a flor que cheiramos, — como azeda o fructo que saboreamo?

Mas ah! nihilidade humana!...

Ridicula sciencia, fatuos homens, presumidos sabios, — onde se acha a vossa luz, — onde o vosso poder, — onde a vossa sabedoria?

Ai! de vós que sois nada! Ai! de vós que nada ensinaes, que nada podeis, que nada sabeis!

Se sois grandes, se sois sabios, se sois poderosos, — tornai permanente a felicidade, — dissipai o vicio, — afugentai a pobreza, — destrui as dores, — dizei o que é a vida, — acabai com a morte.

— Não o podeis!

E' nesta desordem que está a harmonia, é nesta confusão que está a ordem, é neste impuro que está o immacu-

lado, é neste mal que está o bem, é neste pequeno que está o infinito, é neste silencio que se ouve a voz, é nesta noite que se vê o dia, é neste inferno que está o céo, é neste chão que se vê — Deos !!!

Aqui parou o fio de meus pensamentos, que, pouco a pouco, foram subindo em espirais, como o fumo do thuribulo de sagrado templo, — do charco à campina, — da campina ao valle, — do valle à serra, — da serra às nuvens, — das nuvens aos astros, — dos astros aos céos, — dos céos a Deos, — esta Lettra de fogo, brillante e indelevel n'alma do erento, — este Enigma de gelo, offuso e apagado aos olhos do ateo.

Rio, 9 de Agosto de 1878.

Litteratura Americana

Ainda ressoavam os aplausos com que fôra saudada a ligação do Brasil aos Estados Unidos, por meio de uma linha regular de paquetes; ainda o commerce e a industria sentiam-se como que deslumbrados pela nova aurora que lhes vinha de surgir; ainda o povo brasileiro apertava a dextra que lhe estendia o seu irmão d'America do Norte, em signal de annuencia na partilha das grandes idéas, quando d'ali nos chega a noticia de haver falecido, na idade de cento e quatro annos, vítima de um accidente, o notavel poeta e jornalista — William Cullen Bryant!

Nascido no continente americano, proprietario e principal redactor de um jornal — o *Evening Post* — custa a crer que o seu nome fosse quasi que desconhecido no Brasil, não obstante possuir sobrejas qualidades dignas de merecerem a nossa attenção.

Não podemos attribuir isto senão ao desprezo que nos é

peculiar por tudo o que de perto deveramos conhecer e estudar, e ao afan com que nos atiramos á tudo o que nos exporta a velha Europa, até mesmo aos residuos de seus vastos e innumeros laboratorios. Com efeito ; deixando de lado tudo o mais, e nos restringindo sómente ao movimento litterario, quasi que podemos afirmar de um modo absoluto na haver brasileiro algum que não tenha ouvido fallar de Byron e Shakspeare, de Victor Hugo e Lamartine, de Garrett e Alexandre Herculano, e de muitos outros escriptores, poetas e litteratos do velho continente, ao passo que bem poucos saberão quem foi Bryant, um dos grandes poetas modernos e « o mais americano de todos os poetas americanos », no dizer de um nosso illustre contemporaneo (1) que ha tempos reside em New-York.

Seria que Bryant não fosse digno de hombrear com muitos dos poetas e litteratos europeus que a cada passo estamos a citar? Seria que o seu genio fosse tão esteril a ponto de nada produzir digno de menção?

Não, de certo!

Não é esteril, nem mesmo vulgar, o genio que aos doze annos de idade tem produzido dois poemas, um dos quaes, *The Embargo*, é considerado uma celebre satyra politica; não é esteril o genio que produz tres volumes de primorosas poesias e que verte para a lingua de seu paiz a *Iliada* e a *Odisseia*; não é esteril o genio que por espaço de dez annos percorre os intrincados labyrinthos da sciencia do direito, pousa n'uma banca de advogado e d'ahi honra o fóro de New-York; não é esteril o genio que se põe à frente da redacção de diversos jornaes da grande Union Americana, e nesse posto discute, com vantagem, questões politicas, sociaes e litterarias; finalmente, não é esteril o genio que se revela de modo tão brilhante em tão variadas applicações do espirito humano!

Não temos em mira escrever a biographia do illustre finado, nem mesmo a sua necrologia : é isto tarefa superior ás nossas forças e que só pode ser desempenhada por pennas mais habéis do que a nossa.

Quando muito, pretendemos render uma pequena home-

(1) O Dr. J. C. Rodrigues, proprietario e redactor do *Novo Mundo*.

nagem à sua memoria ; e para isto nos serviremos dos seus proprios escriptos.

Dentre estes, são apontados como obras-primas os seguintes: o *Cadáver do Selvagem*, a *Jovem Índia na sepultura de seus avós* e os *Monumentos da Montanha*.

Emitir isoladamente nossa humilde opinião sobre elles — seria nada dizer ; por isso citaremos aqui a de pessoas competentes, principiando pela de M. Philarète Chasles.

Eis o que nos diz este illustre professor, quando, estudando a literatura e os costumes dos anglo-americanos no seculo XIX, se refere à Bryant : « Plus philosophique que pittoresque, l'expression des sensations mélancoliques que fait naître l'aspect des forêts et des lacs, trouve un doux écho dans ses vers. Le sublime n'est point de son domaine ; son charme spécial est une pensive et chaste tristesse qui s'associe aux objets naturels et aux êtres de la création ; il les aime et la piété modeste qui se mêle à cette affection respire une grâce pathétique. »

E, notemos bem, este juizo é o de um homem que diz : « Pour conserver la pureté de leur style, les écrivains américains sont forcés de tenir leur regard constamment fixé sur la mère-patrie, où se trouvent leur type et leur modèle. »

E', pois, o juizo de um europeu sobre as cousas americanas, juizo em que, atravez da capa da benevolencia, transluz sempre a pretendida superioridade de raça, de intelligencia de tudo !

Ouçamos agora a palavra de um nosso illustre patrício, o Dr. J. C. Rodrigues, acerca d'aquele que em vida foi seu collega na imprensa de New-York :

« Mas o grande mérito do poeta é a sua originalidade :

Elle descreve a paisagem e os tipos americanos com grande peculiaridade local de imagens, e nas suas paginas como que se resente a magnitude, a virgindade e o cheiro das matas americanas. »

E agora, que de algum modo já temos predisposto o espirito daquelle que nos lêm, e que nos achamos escudado com juizos como os que acabamos de citar, passaremos aos extractos que fizemos das obras do poeta.

E' do poema as *Idades* — os que se seguem:

« America! Verdejante terra das campinas, das cataractas e dos bosques espessos! Mãe de fontes immensas e destas montanhas de cimos inacessiveis para nós; a noite que outr'ora te cobria — bem cedo foi dissipada!

Uma inesperada aurora surgió-te do Occidente civilizado; ainda ha bem pouco tempo a cupula movel das florestas era a unica que a vista distinguia ao longe sobre tuas plagas. Alli uivava o lobo feroz; alli se precipitava o touro selvagem; além — os braços nus e bronzeados do indio guiam a canôa sobre o lago immenso. Seu collar e seu enduane atrahiam os raios do sol, e a leve canôa fugia sobre a onda como o passaro nos ares.

Ah! eras então um paraiso de verdura; uma terra de veredas ainda não exploradas, que protegia com seus obstaculos infindos a immensidate das florestas.

Vales, collinas, montanhas, tudo se ocultava sob essa roupagem de folhas, que ainda ninguem havia erguido, onde nunca luzira os raios do sol do Outono e onde só penetrava o furacão, quando, na sua cólera, abatia os velhos gigantes das florestas e despedecava seus troncos de cascas pardacentas, brunidas pelos seculos. Essas sombrias solidões (quem o diria?) tinham tambem suas delicias; havia sob essa folhagem abrigos cheios de encantos — asylos de uma belleza arrebatadora. Alli se estendia o lençol azul das aguas do lago, onde se via mergulhar o castor industrioso, e onde o gamo selvagem vinha matar a sêde; mil remos flexiveis atiravam ao longe a espuma das aguas. A briza agitava o milaral, carregado de espigas douradas; a aldeia indigena se erguia neste lugar encantador, mansão da paz, da innocencia, da solidão e da graca natural; e não obstante, era alli que o indio amartava o seu prisioneiro, que o votava ao sacrificio, que o entregava á morte e o queimava vivo. Após, vinha a vingança do homicidio, mais horrivel que o proprio homicidio; esta pacifica aldeia, incendiada pelo inimigo, transformava-se num montão de ruinas, diluidas em sangue; a creanca, no seio em que era amamentada, a joyem mãe e o velho guerreiro, tombavam aos golpes do *tomahawk*. (1)

(1) Especie do *tacape*, ou *ivarapema* do nosso gentio.

Um mar de flamas rolava no valle; cercas destruidas arvores quebradas, ossadas esparsas, tal era a aldeia indígena; não mais a fumaça coroando com a sua grinalda de vapores a cabana selvagem; não mais a canôa sobre o lago; não mais o remo cortando suas ondas! O silencio invadia o valle deserto; esta civilização ainda tão fraca se extinguia n'um momento. Vaijor, contempla agora! Alli fluctuava a canôa do selvagem; milhares de velas que o vento enfuna e agita, se amainam hoje no seio da mesma bahia que encerra o commercio do mundo inteiro. Uma raça nova povoa essas regiões; a floresta recua; a civilização avança; as cidades surgem; as seáras nascem por todas as partes.

Por todas as partes se descobrem novas fontes e novos rios, cujas aguas, encobertas ha séculos pela folhagem, nunca tinham reflectido o céo!

A civilização invade todo o paiz, semelhante ao incendio rapido que devora as arvores do outono.

Alli cahem as ultimas cadêas da humanidade; alli o genio da nossa raça se desenvolve, emfim, livre e sem entraves.

Quem açaimará o gigante? Quem o forçarã, corsél indomito, a aceitar o freio e as redeas? Quem podera moderar sua força e suspender seu impulso?

Ninguem. Nas profundezas do futuro, eu vejo este impulso augmentar; o cometa lançado atravez do espaço, segue um caminho menos certo e menos luminoso. »

E assim continua o poeta, deixando em cada pagina que escreve o rastro brilhante do seu talento.

Apreciamol-o ainda na piedosa contemplação do *Cadaver do Selvagem*:

« Este não conheceu em vida nem as grandes cidades nem as artes que as embellecem.

A mão que creou nossa raça a formou de elementos primitivos e de uma nova argila; suas relações com a natureza foram mais intimas; sua sympathia com a terra, o céo e as aguas foi mais profunda e mais natural do que as nossas. O frio e o calor não exerciam sobre elle a influencia tyrannica que exercem sobre nós. Ele desafava a tempestade

que nos faz tremer; afrontava a cataracta e se confava à suas ondas ferventes. »

Pode haver nada de mais tocante, de mais expressivo e de mais verdadeiro?

Como se anima a inspiração do poeta ante os esplendores da natureza americana, sempre nova, sempre cheia de encantos!

Com que suavidade nos falla elle dessas mattas que são « o atelier das fadas, atelier onde vegeta o diamante e brotam o topazio e a amethysta! »

Em summa ; Bryant não foi simplesmente um poeta ; foi um poeta patriota : Trabalhou com affinco para que a litteratura de seu paiz tivesse um cunho proprio — feições características que a tornasse mui distinta da litteratura da mãe-patria.

Sacrificou á esta idéa todas as vantagens que podia tirar da advocacia, para se entregar inteiramente ao jornalismo e á litteratura.

Se não conseguiu o desempenho da tarefa — deixou-a bastante adiantada ; deu um exemplo digno de ser imitado.

E nós, que também somos americanos, que também desejamos a completa emancipação da nossa litteratura (se é que a temos) sentimos de coração o desapparecimento de batalhadores dessa tempora.

Meditando-se agora sobre a natureza dos dois paizes, vê-se que existem entre elles muitas relações de semelhança, e que assim como no Brasil Gonçalves Dias, Alencar e Magalhães tiveram cantos e poemas para o selvagem repellido pela civilização, Bryant, nos Estados Unidos, também os teve.

E' que os dois colossos d'America nasceram irmãos, não só pela fertilidade do solo, pela extensão do território, pela imponencia das mattas, pela magestade dos rios, pelo fremito das cascatas, mas tambem pela auréola do genio que fulge sobre a fronte de seus filhos.

Falta-nos ainda, é verdade, a iniciativa e o bom senso daquelle povo viril, que não trepida em vencer obstaculos para penetrar nos mais recônditos dominios do commercio e da industria ; mas se, no dizer de M. Philaret Chasles, a

luta do povo americano contra a natureza ainda não está terminada ; se todo o passado deste povo, nascido hontem, data da vespera, o que não se dirá do povo brasileiro, nascido muito depois do seu irmão d'America do Norte, do povo que só quarenta e seis anos mais tarde conseguiu libertar-se do jugo da metropole e tomar parte na grande comunhão das nações civilizadas ?

Aguardemos o futuro ; mas que esse progresso material tão almejado e de que, de facto, carecemos, não venha de modo algum prejudicar o desenvolvimento da literatura patria, como, na opinião de muitos escriptores, tem acontecido nos Estados Unidos. — São os nossos votos.

Julho de 1878.

M. VALLADÃO.

De onde venho e para onde vou

AO AMIGO TITO AMARAL

I

ILLUSÕES DA INFÂNCIA

Venho do nada, das trevas, da ignorância, da inocência, d'um sonho emfim.

Sim, venho d'um sonho.

Profundo sono dormia; depois, menos profundo; depois, ainda menos; por fim, sonhei:

Era n'uma manhã de primavera; o sol surgia esplendido, derramando luz sobre a terra, e tingindo de purpura as nuvens do céo; a briza perpassava fagueira, espargindo

aromas e balouçando, brandamente, os leques das palmeiras; bandos de melodiosos passarinhos passavam, pelo espaço, em algazarra harmoniosa; nos arvoredos, gorgeavam outros, desferindo lindas canções, e esvoaçando de galho em galho, de fructa em fructa; aqui, o formoso corrupião, em cantos sonoros, expandia seus queixumes; ali, o lindo canario produzia sublimes melodias; além, o sabiá das mattas, rei dos cantores, saudava ao astro do dia, rei do universo.

Reinava alegria sobre a terra: o sitio, onde me achava, era um paraíso, um lugar de delícias; a natureza trajava-se de galas e esplendor; o dia era alegre e festivo; o céo — azul; a terra — calma; por toda a parte — flores, perfumes e harmonias.

Por entre um bosque de copadas mangueiras, mamoianas, e arvores colosseas, formoso regato, de aguas crystallinas, deslizava-se sobre um chão d'areia, e, em seu doce ciciar, segredando amores, fallava ás gentis boninas, lindos botões-d'ouro, candidas angelicas, delicadas flores campestres, que, adornando-lhe as margens, debruçavam-se para beijal-o em sua passagem; adiante, espraiava-se em plano lagedo, como para descansar; depois, quebrando-se de pedra em pedra, de gróta em gróta, produzia suaves borborinhos — hymnos d'amor; além, precipitando-se em cascatas, levantava borbulhões de espuma, alvas como nuvens, brilhantes como chrystas.

A direita, vasto laranjal em flor, e á esquerda, primoroso jardim, misturavam seus perfumes, embalsamando o ar; adiante, verde campina se alongava, e, como o mar, estendia-se a perder de vista.

A pouca distancia dahi, n'uma sombra agradavel, recostada ao tronco de frondosa jaqueira, estava uma mulher sentada: era linda como a Madona de Raphael, celestial como a Mãe do Christo; era mais que uma mulher, pois era mãe, portanto — Divindade.

Tinha no collo um anjo louro, para quem ternamente sorria, e, carinhosa, beijava-o; bem perto, em baixo de pittoresca latada de maracujás, outros anjinhos formosos brincavam e corniam, perseguindo as borboletas, que, esvoaçando em cardumes, adejavam de flor em flor.

A terna Mãe, cercada de seus filhinhos, contemplava a criação, e ensinava-lhes a pronunciar o nome de Deus.

Passa uma borboleta seductora ; o anjo louro deixa o regaço materno, e, como os outros anjinhos, corre : quer agarral-a.

A candida criança fôra, realmente, seduzida pela mais linda das borboletas : era grande, maior que todas as outras ; suas cores resplandecentes eram tão vivas, tão bem esbatidas e combinadas, como nunca as vira um mortal ; tinha sobre as azas o azul celeste, puro, bem accentuado, terminando, para as pontas, em verde claro ; era toda matizada de pingos amarelos, que scintillavam como estrellas engastadas no firmamento.

Ignoro se o pobre anjinho fôra attrahido pelo céo, se pelo abysmo : o azul é a cõr do céo, mas é tambem a cõr do abysmo, a cõr do mar ; o verde, symbolo da esperança, é tambem a cõr d'um veneno ; portanto, fico na duvida, não posso interpretar este sonho, não sei se a pobre criança corria para a felicidade, ou se para a desventura ; o que sei é que corria, e corria sempre...

Tomou a direcção da campina, e elle seguiu-a ; pouava de quando em quando, mas, logo que elle estendia a mão-simha para pegal-a, ella voava, ia pouar adiante; elle corria atráz, e, quanto mais corria, mais ella se afastava.

A carinhosa Mãe, afflita já por ver seu filho tão distante, bradava-lhe que voltasse ; mas, qual mariposa offuscada e attrahida pela chamma, elle era arrastado fatalmente : não podia voltar, corria sempre, até que, já cansado, tropeça e cahé.

E não cahé no chão ! Precipita-se, de grande altura, em fundo abysmo ! Vae descendo... descendo... descendo... até que baqueá!...

II

REALIDADE

Foi uma queda terrível :

Fica, por muito tempo, sem sentidos ; depois, desperta sobresaltado, banhado em suores frios, cansado e ofegante ; olha em torno e nada vê ; circumda-o espessa escuridão !

O precipicio, em que cahira, era um antro profundo ; estava completamente murado ; nem uma fenda por onde entrasse um raião de luz !

Com tudo, por efeito da refracção, fraca claridade vem de cima, e a vista, habituando-se pouco a pouco, poude, emfim distinguir alguma cousa; então, tenta sondar aquellas trevas que o envolviam.

Apalpa a muralha: estava cheia de cavidades, e cavernas, que desprendiam cheiros pestilenciaes!

Afasta-se d'ella, e segue sem rumo.

A alguns passos, pisa n'uma cousta molle e elastica; olha, era um verme nogento; passa adiante, e depara com um lodaçal immundo; toma outra direcção, e encontra um buraco, um precipicio; desvia-se d'elle, e segue; a terra afunda-se sob seus pés. Só vê, por toda parte, vermes asquerosos, reptis nogentos, insectos damninhos; aqui uma aranha hedionda, acolá uma vibora, adiante um cascavel!... Enche-se de pavôr, e, com tudo, avança sempre, sem norte e sem um guia, triste e só, pelo abysmo fundo!

Avança sempre e depara com um espectro medonho: era uma mulher velha, magra e esfarrapada; enche-se de terror, quer fugir, mas o espectro dirige-lhe a palavra: « Mancebo, onde vaes tão só? » « Não sei. »

« De onde vens? » « Ignoro. »

« Quem nos protege e guia n'esta caverna horrivel? »

« Ninguem. »

« Oh! não sigas sosinho; estaes no abysmo — Realidade, e sereis devorado, se se não tiverdes um guia; vinde connigo, que vos guiarei. »

« E quem sois, mulher? »

« Chamo-me — Experiencia: accompanhae-me. »

E o joven seguiu com a Experiencia.

Ella lhe ia mostrando e explicando tudo o que encontravam: Aquelle verme que rasteja, disse-lhe ella, tem grande prestigio e poder; vêm vos agradar, correspondem a seus afagos, mas, estejaes prevenido, não perderá o ensejo de vos causar algum danno, — é o adulador; apezar de baixo e vil, passa bem, consegue tudo o que quer; se quizerdes ser feliz aqui, procureae imitao.

« Aquella serpente, que arma o bôto, é a hypocrisia; fere ás occultas, parece humilde e é soberba; apezar de traicoeira e venenosa, é respeitada, bem tratada e considerada por todos: séde como ella. Vede aquelle monstro? Tem a cabeça da serpente, as azas do morcego, o corpo da lagarta, a cauda da vibora e as garras do abutre; tambem

fere ás occultas ; deixa o veneno por onde passa ; é o mais temível de todos ; toma mil formas : é o cupim dos monumentos, é a traça da historia, é a lagarta dos louros, é o verme que corroe os pedestaes, é — a inveja ; é ella quem arma o amigo contra o amigo, o irmão contra seu irmão, o filho contra seu pai !... é ella o — abutre, que dilacera as entranhas do Prometheo — humanidade !...

« Todos estes enes abjectos se aninharam nos corações dos homens ! No mundo, só ha miseria e corrupção ! Observa : lá está — o mendigo, ali — a messalina, acolá — a viuva abandonada, além — o orphão que pede pão !... Vêde d'aquelle lado uma virgem que chora ! Observa e quanto é bella ; é uma obra prima ! Tem sobre o peito uma camelia, symbolo da innocencia e candura de seu coração ; orna-lhe a fronte uma coroa de perolas ; jorram melodias e brotam flores d'entre seus labios ; seu halito é perfume ; mas... ah ! é cega !... — E' a mulher involvida em trevas ; quer luz, pede instrução !

Vinde, agora, ver o que ha de mais execravel !... Eis um dragão terrivel, que se enrosca pelo corpo de um gigante esfarrapado ! — E' a escravidão, que abate um povo ; é a ignominia, que opprime á uma raça inteira ! »

« Basta, mulher ! Estou horrorizado ; leva-me d'aqui ; ensina-me o caminho ! » « Não posso ; o caminho que tendes de seguir, só te poderá ser indicado por minha irmã — a Scienzia ; sómente ella conhece a senda da verdade ; vou levar-te a ella. »

A Experiencia desceu por um subterraneo, e o joven a seguiu ; por longo tempo andaram tateando nas trevas ; depois, surgiram em outra caverna, onde havia alguma luz ; pelo chão, aqui, ali, por toda a parte, viam-se retortas, machinas, caldeiras, pilhas-electricas, etc. : estavam n'un laboratorio. A pouca distancia, uma mulher, já idosa, permanecia em completa abstraccion ; tinha na mão direita um giz, e na outra um compasso ; — era a Scienzia.

Chegaram-se a ella brandamente, cautelosos e com respeito ; a Experiencia ficou de pé, e o joven tocou humildemente na tunica da Scienzia.

J. FAUSTINO DA SILVA.

(Continua.)
(Continua.)

Instrucción

A' meu bom irmão e excellente amigo João de F. Machado.

Iada ha desertos medonhos
Que perpassam pelos sonhos
Dos Colombos juvenis !

BERNARDO TAVEIRA.

Instrucción ! ó san cadêa,
Que nos prende á cada idéa
Muita scentelha de luz !
E's o sol — sublime estrella,
Que do céo tão pura e bella
Os nossos passos conduz !

Sem ti, que seria o mundo,
Esse pélagos profundo,
Encapellado e fatal ?!
E nós ?... tristes marinheiros,
Navegando forasteiros
Sem termos um só fanal !

E's a fagulha brilhante
Que sempre linda e constante
Nos chama á voz da razão ;
E's a senda da verdade
Espargindo a liberdade
No mais remoto sertão !

Quereis no mundo a sciencia
Progredindo em sua essencia ?
Oh ! dai ao povo instrucción !
Veremos em cada crença
De todo o homem que pensa
Uma idéa de Catão !

Educai as lindas crianças,
E' a mais bella das heranças
Que um pai seu pode legar ;

Patria, familia, historia,
Tudo reflecto de gloria
Faz o mundo prosperar !

O amor á humanidade,
A virtude e a liberdade
Devem ser os seus brazões !
Sim !... eduai vossos filhos,
Mas afastai-os dos trilhos
De caducas geracões !

No lindo poema da infancia
Ha muita flor e fragrancia
Que nós devemos polir ;
Oh ! no riso da criança
Ha muita luz d'esperança,
Ha muita fé no porvir !

ERNESTO MACHADO.

•

Escuta

Em quanto pelo orvalho é borrifada,
Conserva a linda rosa a bella cõr ;
Mas vindo o sol ardente o brilho esvae-se,
E perde a pobresinha o seu frescor !

As petalas, outr'ora tão viçosas,
Mirradas — cobrem agora o ingrato chão :
Não mais o doce rocio d'alvorada,
Não mais o grato arfar da viracão !

O teu sorriso, meu anjo, era o orvalho
Que alimentava a rosa — nosso amor ;
Veio um raio do sol — a indifferença,
— Crestou-se a infortunada ao seu calor !

E as lembranças, meu anjo — as seccas pet'las
Por certo as guardará meu pensamento ;
Porém se um teu olhar não der-lhes vida,
— Quedar-se-hão no pó de esquecimento !

26 Junho, de 1878.

ARÉAS DE CARVALHO.

No harem

As odaliscas nuas, offegantes,
Dormiam sobre os leitos perfumados ;
Lambia a luz da lampada os cortinados,
Alumiando os pallidos semblantes.

Os seios das olympicas bacchantes,
Pela mão dos anhelos agitados,
Se erguiam desiguales, descompassados,
Lindas ondas de marmor palpitan tes !

Correu-se mansamente um reposteiro...
— O olhar de Mohammed se adivinha,
Altivo, sensual e sobranceiro.

E na lampada a luz quasi definha...
Fulvo clarão se faz — o derradeiro...
E o Grão Senhor nas trevas se encaminha...

Corte — 1878.

LEOPOLDO CHAVES.

Chronica

Eis-nos outra vez na berlinda ; e embora *préviamente* avisado, ainda não sabemos dizer o *porque* !

Não obstante, faremos un *tour d'esprit*; e tomado a palavra *chronica* n'accepção que lhe damos, (1) procuraremos dar o nosso recado do melhor modo que nos for possível.

* * *

Principiaremos entoando hosannas aos novos *salvadores da patria*.

D'esta vez, sim senhor; vamos ter nada menos do que as *scenas da passada estação*, representadas por actores diversos, é verdade, porém da mesma força.

Cá pela côte o negocio flou-se fino;

Os *empresarios da situação*, querendo que a opera *deputados por atacado* tivesse um *successo esplendido*, distribuiram os *papeis* a seu bello modo e convidaram o Sr. Octaviano para *reger a orchestra*.

O *maestro* reunio-a, foi ao *conservatorio de musica*, fez um ligeiro *ensaio* e, certo de que não faria *fiasco*, esperou *le grand jour*.

Contra os amigos costumes, o theatro escolhido foi a *Cadeia Keita*, que é o *Scala* dos nossos *parladores*.

Ahi, no dia 5 d'este mez, o novo Bassi empunhou a *batuta* endireitou os oculos, lançou um olhar à *banda*, e quando disse— tudo entra— ninguém *desafinou*! Signal de que a peça estava bem ensaiada.

Core de vergonha Sr. Paulino ; o seu *bastão de marechal do futuro* nada vale em vista da *batuta do grande maestro*.

Porém, meu Deus ! Como mudam os tempos !

Outrora o Sr. Octaviano teria escrito :

*Quem passou pela urna em branca navem
E em placida calma se elegeu ;
Quem não sentio o frio da derrota,
Quem passou pela urna e não sofreu ;
— Foi cunhado de ministro — não foi homem,
Não se fez deputado como eu !*

Isto dicia S. Ex. no temp em que foi poeta lyrico. E diria a verdade ; porque n'aquelle tempo o povo fluminense, mais zeloso da independencia do seu caracter, e menos maleável ás pressões do governo, tomava para ponto de partida— na escolha de seus representantes— a honra, o talento e a illustração.

Era assim que só tinham entrada no parlamento Euzebio de Queiroz, Octaviano, Saldanha Marinho e outros não menos dignos.

E hoje, meu Deus, e hoje?

(1) Falar bem ou mal da vida alheia, « por calvas à mostra, » não se guardando a ordem dos factos.

Hoje... S. Ex. é realista, e em vez de fazer versos— escreve circulares.

Da política ao theatro— o salto não é grande para um ~~chronista-tigre~~^{De política} ; as analogias são perfeitas; mágicas, fantasmagorias, variedade de scenas, tudo se vê quer n'uma eleição de deputados, quer n'uma representação do *Ali-Babá*; por tanto fallaremos agora de especulações.

A este respeito, o Rio de Janeiro é actualmente um céo aberto ! Iriam longe se fossemos a fallar de todos pelo mundo, e por isso nos ocuparemos sómente do *Skating-Rink* e da *companhia lírica*: são os dois pólos magnéticos da flor da gente (1), isto é, da elite de nossa sociedade.

Quanto ao *Rink*, nem sabemos dizer verdadeiramente o que aquillo seja. É mais do que divertimento, excede ao delírio, approxima-se da *cachaça*.

Ainda ha poucos dias uma respeitável e gorda matrona nos disse que já patinava regularmente, e segundo sua opinião, toda a statica dos patins consiste em se « fazer duro o tronco do corpo e se mexer sómente com as cadeiras. »

Só isto basta para encher o *Rink*:

Não ha dúvida ; o Sr. Normanton encberga ao longe...

Após o homem-queda, (pobre Battaglia !) deu para ordem do dia— *The Five Kings*.

Quando lemos o annuncio desta novidade, dissemos cá com os nossos botões : Que bom se o Brasil tivesse um Rei de Fogo ! A posição de ministro não seria tão commoda ; porque das duas— uma ; ou os *cujos* haviam de andar mui direitinhos, ou então, á menor discrepancia, estariam todos queimados.

A *Companhia Lírica*, tendo ao leme o Sr. Ferrari, vai navegando em mar de rosas.

Até os grandes órgãos da imprensa, que a principio divergiam tanto em suas opiniões, agora, como que apreciando melhor as perfeições artísticas da Sra. Bianchi Fiorio, já proclamam em côro a excellencia do elenco. Bem fzezemo-nós, que desde o começo procuramos agradar á todos : Assignante da serie A e da serie B, sustentamos camarote de primeira ordem, (2) assentamo-nos em cadeira de 2^a classe, (3) damos palmas a valer, gritamos mais do que o prelo do leite, morramos em Botafogo, idem no Sacco do Alferez, aplaudimos o Tamagno e a Mariam, o Stonti e a Pozzoni, o De Sanctis e a Reppetto e... andamos cahidinho pela Bianchi Fiorio. Quando vemola-a em scena, airosa, fascinante — imagem da seducção — dá-nos vontade de cahir-lhe aos pés murmurando : bis... coito !

(1) Por quem suspira, Sr. Duque Estrada ?

(2) Olá, Sr. Ferrari ! Não se esqueça do pedido do « mestre » — mande numerar os nossos « assentos. »

(3) Quando baixa o cambio.

Efectuou-se no dia 3 do corrente a inauguração do *Lycée de Artes e Ofícios*, no predio em que outrora funcionou a secretaria do Império, à rua da Guarda Velha. □ ■ TMFOASNP □

Falar da utilidade da instituição, do mérito dos professores e do aproveitamento dos alumnos — seria repetir aquillo que já está no conhecimento de todos; e no entanto o faremos de cadeira, porque já nos sentamos n'aqueles bancos. Alli aprendemos os primeiros rudimentos da língua francesa, sob a direcção de um moço tão habil quanto modesto — Carlos de Laet; alli ouvimos lições de Victor Meirelles — esse magazino que, pintando glorias do Brasil, se contempla na mesma tela —; e de Quirino Vieira — um genio artístico e laborioso que passou á eternidade deixando-nos, como lembrança do que foi, o bello grupo allegórico que orna a fachada da estação central da estrada de ferro de D. Pedro II, e outros primores de escultura na Santa Casa da Misericordia, no palacete Nova Friburgo, etc., etc.

Por tudo isto, nos regozijamos com as festas do *Lycée* e fazemos votos pela sua prosperidade, sentindo que já tenham desaparecido dentre os vivos muitos dos que contribuiram para a sua fundação.

Um crime de *lesa-estudantada* acaba de ter lugar na Academia de Direito de S. Paulo: Os calouros, tocados naquillo que possuem de mais sensível — o *pêlo* — reagiram sobre os veteranos. Não sabemos se desta vez ficou demonstrado o princípio de que a *ação é igual a reacção*; que foi contraria, não padece dúvida, assim como também não padece dúvida de que a polícia, sempre disposta a acutilar o povo, investiu de sobre em punho, fez ferimentos, levou pedradas — e *mais dura se mais tomara*.

Em seguida houve um *meeting*, e por deliberação deste a *viaia* foi abolida!

Oh! não cremos! A *raia* não morre assim: Nasceu com as academias e só com elas ha de morrer. Não se fiem os calouros na deliberação do *meeting*: quando menos esperarem — estarão metidos n'uma *roda de cascudos*. □ ■

Nunca! nunca — na nossa vida de *chronista* — os acontecimentos sucederam-se como agora. Não ha mãos a medir: Só o *congresso das mulheres*, em Paris, sob a presidencia de Mme. Deraisme, dava-nos *panno para as mangas*; porém como não podemos transpor os limites do *orçamento vigente*, recomendamos ao leitor, e mui especialmente á leitora as *Notas de viagem* de Ramalho Ortigão, publicadas na *Gazeta de Notícias* de 14 deste mês. E o mais que, n'um estilo elegante e correcto, se pôde dizer em abono da mulher e contra o fim do *congresso*.

Não admira; são *notas* de um espirito eminentemente ilustrado e observador, o *chronista* não pode resistir á tentação do *pesquisar* aqui um pedacinho delas: « Propor os meio de vulgarizar a scienzia de dirigir a casa, de educar o filho, do moralizar o homem, de ennobrecer o lar, tal deveria ser para bem das mulheres o fim do congresso que elles acabam de celebrar. »

Acham pouco, minhas senhoras?

Acham pouco,

Inaugurou-se ultimamente em Mâcon (França) a estatua de Lamartine. Dando conta desta cerimonia, diz o correspondente do *Jornal do Commercio*:

« Se bem que obra do cinzel de um artista de talento, Falguière, a estatua fica muito longe da perfeição. E' pouco parecida, falta-lhe a graca e a magestade do poeta, e além disso o apresenta com grandes botas, que Lamartine nunca trazia. »

Então o que significa a estatua? Mais uma *mentira de bronze*? Porque tanta desharmonia com o autor das *Harmonias*?

Se a estatua não é a representação fiel do poeta-ministro, quebrem-na. Elle não precisa de estatuas; cinzelou-as á bico de pena, escrevendo os *Girondinos*, *Graziella*, *Jocelyn*, *Fior de Aliza*, e outras *gemmas* do seu talento, que não de ser sempre lidas com interesse e que melhor nos fallam delle do que quantas estatuas lhe possam erigir.

Dizem-nos lá d'Allemania, patria do Sr. Bismarck, e terra d'onde nos vem os melhores colonos, quefôra, finalmente, executado o regicídio (¹) Haedel. Causou-nos arripios a desculpa dos aprestos que se fizeram para semelhante acto. Só a encomenda daquelle cutedo especial, em forma de meia-lua, para decepar a cabeça de um miserável, que, matando o rei, julgava quebrar o élo mais forte da cadeia oppressora de seu paiz, nunca mais nos ha de sahir da memoria. Estes reuses!...

Passa como certo que os Srs. Christiano Ottoni, Saldanha Marinho e Costa Lima resignaram a vereança, em consequencia de ter sido rejeitada a proposta que fizeram no sentido de serem demittidos os actuais engenheiros da Camara Municipal. Bem feito! Quem os mandou querer inovações? Não sabem que o direito do anzol é ser torto?

Depois de um grande *dize tu que dirai eu*, entre o Sr. ministro da fazenda e o supremo tribunal de justica, resolveu este conceder *habeas-corpus* ao Sr. Saturnino da Veiga, ex-thesoureiro das loterias do Concelho. Ora, acerca desta questão temos uma idéa muito original: é que para nós a substituição do Sr. Saturnino não adiantou causa alguma; temos comprado bilhetes á miúdo, e elles continuam a sair branquinhos como d'antes. Cuidado, señor novo thesoureiro: Olhe a prisão administrativa!...

Lemos ultimamente, no *Cruzeiro*, que Victor Hugo está escrevendo ao mesmo tempo dez obras, umas em prosa e outras em verso. Arre! dissemos então; aquillo não é mais cabega; é um voleio de idéas, coroando um corpo de homem!

A *Reforma*, a *Gazeta de Notícias* e o *Bianio da Tavele*, têm sido ultimamente de uma amabilidade extrema para com a *Revista*; quando vêm-na — desfazem-se como caramelos. Desconfiamos que anda por ahí algum *azeite*; pois olhem — não lhes gabo o gosto: a *Revista* é volvel

como todas as mulheres; ama com a mesma facilidade com que desama.

« Porém... os chronistas... »

Quaes chronistas, nem Manes chronistas! Os chronistas são dois ja-
cares: quem via a cara de um, via... a do outro.

* *

Dá licença senhor Besouro?

Como vae o seu macaco?

Nós, na qualidade de enviados dos poetas da *Revista*, viemos apresentar-lhe as nossas credenciais e dizer-lhe que os ditos em breve estarão preparados para uma sabbatina de medição de versos em todos os systemas, antigos e modernos:

Consideram V. S. um jornal de peso e medida, metrificador exímio, e prometem não infringir mais as regras do metro. Sem mais assumpto — as suas ordens; recommende-nos ao monsieur e também ao Fim-fim.

* *

Esta chronicá já cheira á massada, já está por demais annotada, — e é mister conchilhá-la.

O faremos pedindo ao Sr. Barbosa Rodrigues que cesse a sua perseguição contra os innocentes porquinhos da Índia.

Como é sabido, este senhor tem ultimamente feito grande alamece para o mundo scientifico: provar que o chlorureto de sodio, NaCl, (1) é um poderoso antídoto contra o envenenamento pelo curare.

Neste sentido tem feito repetidas experiencias, e segundo o *Cruzeiro da tarde* do dia 6 do corrente, a mais solemne teve lugar no dia 1º deste mês, em que ate — um cão adulto de raça pequena — ragon o pato, sendo fido na occasião em que passava mal lampoiro pela porta da casa em que funcionava o congresso scientifico.

Quisermos assistir à esta sessão, somente para ver o descabro da cara do Sr. Dr. Lacerda Filho, ao ver confirmadas em cinco experiencias consecutivas as proposições do Sr. Barbosa Rodrigues, que o mesmo senhor doutor pretendera negar.

Dando nossos parabens ao illustre naturalista brasileiro, felicitamos aos que vivem expostos à flecha do gentio, pela maravilhosa descoberta.

* *

E agora, que já impingimos a nossa pilula, sabiremos gritando: O', seu mestre! Venha tomar conta de sua futrica, e cuidado com o Besouro, que está damnado!

M. V.

A' ultima hora. — Fresquinho, temos ainda sobre a mesa o 1º numero da *Revista Americana*, publicação scientifica, artistica e litteraria, que, segundo o seu programma, sairá nesta Corte duas vezes por mês.

Nella collaboraram moços cujos nomes já conhecidos na imprensa, e alguns na tribuna, constituem a melhor recommendação que pode ter um jornal, e dispensam-nos elogios que ficariam sempre áquem do merito de cada um delles.

(1) *Sal de casinha*, o genuino da nossa parilla e não o chimicamente pre-
parado.

Não obstante, diremos que os artigos e poesias do numero que temos á vista, revolam da parte de seus autores muito estudo, muito cultivo intelectual e muita proficiencia nos assumptos de que se occuparam, e, a continuar assim, a Revista Americana em breve poderá mudar de taboleta e passar a denominar-se : *Cofre de perolas scientificas, artisticas e litterarias.*

Grande foi a nossa surpresa quando, chegando ás ultimas paginas, cantinho onde se acocóra o *chronista*, encontramos um tipo de casaca, claque e pastinhas, que se não era o mestre, era Belzouth em figura delle.

Sem tempo para verificarmos a sua identidade, saudamos fraternalmente aos novos collegas e fassemos votos para que, transpondo as barreiras do indifferentismo, obtenham grande numero de leitores — assignantes.

Seríamos injusto se, dando esta ligeira notícia, não fallassemos do trabalho typographico : dizendo que este se acha confiado ás officinas do Imperial Instituto Artístico, julgamos ter dito a ultima palavra acerca de nitidez, esmero e perfeição.

o o

Mais um tiquinho: Deixem o *chronista*, que é christão e brasileiro, abrir as valvulas da gratidão e dar um braço á Bordallo Pinheiro pelo modo philanthropico com que acolhem o irmão Ignacio, enviado por Fr. Ibyapina, para solicitar do povo fluminense uma esmola em beneficio dos VINTE estabelecimentos pios, fundados por aquelle venerando sacerdote nos sertões do Norte do Brasil.

Abriendo uma subscrição para este fim, e á elle destinando o producto da venda avulsa do n.º 25 do *Resouro*, Bordallo Pinheiro mostrou que alem do espírito facetto e satyrico com que flagella os que lhe cabem sob a ponta do lapis, possue também o espírito que falta á muita gente seria — o da caridade.

Nobre e generoso artista! Dirigindo-te estas linhas — que desaparecem ante a grandeza da tua ideia — o *chronista* não tem em mira passar-te mal pelos beijos: Não, men gaiato! Quando os trovadores da *Revista* desentoarem, quando desprezarem o metro — dá-lhes de rijo.

V.

— o o —

P. S.— Aos assignantes da *Revista* que não se acham em dia com o pagamento de suas assignaturas — enviamos saudades: Não se esqueçam da gente: sim?

ASSIGNATURA

| | |
|--------------------|--------|
| Año | 00.000 |
| Semestre | 30.000 |
| Numero avulso..... | \$500 |

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113